



Editorial

Da *preferência* pelas desigualdades (e da fragilidade da escola na confeção de uma *vida em comum*)

Por Bruno Dionísio
[CICS.NOVA & Instituto Politécnico de Portalegre]

A preferência pela desigualdade é o título, à primeira vista provocador e incómodo, do mais recente ensaio de François Dubet (*La préférence pour l'inégalité. Comprendre la crise des solidarités*, Paris, Seuil, 2014). O autor indaga em que medida o agravamento das desigualdades não é ele-próprio devedor do enfraquecimento da solidariedade, entendida como o sentimento profundo de participar numa mesma sociedade, de viver num mesmo mundo social, de uma *vida em comum*, portanto.

O argumento central que está presente no ensaio de Dubet radica na tese de que a erosão desses laços de solidariedade contribui tanto para o incremento das desigualdades quanto as desigualdades trazidas pelas crises económicas; nesse sentido, a coesão social é ameaçada tanto pela fragilização dos laços solidários como pelos processos económicos mais globais.

A *preferência pela desigualdade* está bem presente no caso da escola, debilitando a sua capacidade em (re)fazer o imaginário da solidariedade e confeccionar os alicerces – simbólicos – de uma vida em comum. A preferência pela desigualdade não é propriamente uma «escolha» ideológica mas o resultado de um conjunto de práticas que realizamos tendo «boas razões» para o fazer (a escolha da melhor escola, a luta pela melhor performance, o acesso ao diploma mais

atraente...). Na verdade, não somos apenas vítimas mas cúmplices e pequenos produtores das desigualdades escolares (lamenta-se a guetização mas foge-se às “escolas do diabo”, lamenta-se o insucesso mas culpam-se as famílias que se demitem e os alunos que não se interessam...), ainda que a agregação dessas pequenas desigualdades em grandes desigualdades nos provoque indignação, perplexidade e fira as nossas concepções de justiça social.

O desafio maior, frisa Dubet, é o de compreender porque é que o sentimento de solidariedade (e, portanto, de participar na confeção de um *mundo* social comum) se tornou tão frágil, capaz de aceitarmos (apesar da crítica) as desigualdades que não nos dizem diretamente respeito, ou desejarmos até as que nos protejam dos «indesejáveis» vistos como uma ameaça ou risco ao *nosso mundo*.

O modo como a escola se torna cada vez mais insuportável para professores, alunos, famílias, parece-nos devedor desta deterioração dos laços de solidariedade e, por conseguinte, da dificuldade que uns e outros têm em sentir-se participantes dum mesmo mundo. Perante a dificuldade em confeccionar um mundo comum, diversos mundos *convivem* de forma mais ou menos turbulenta. Uns mais recentes; outros, metamorfoses de velhos mundos julgados ultrapassados, que ora ameaçam o princípio da pertença a uma humanidade comum (a ideia de pureza do mérito, de inteligência herdada ou inata, o etnocentrismo,...) ora enfatizam a diferença como impossibilidade de fabricação de um mundo comum (a naturalização do abandono escolar precoce, do trabalho infantil, da reabilitação da violência legítima,...).

O mal-estar da escola e a sua dificuldade em (re)fabricar laços de solidariedade suficientemente robustos para fundar um mundo comum pode contribuir para a *patologização*, atomização e individualização de problemas que tendem a afastar-nos dessa possibilidade.

Assim, devolver o social aos problemas (educativos) é condição fundamental para compreender o que esses problemas dizem sobre a nossa vida-em-sociedade, quer dizer: o que esses problemas (educativos) nos dizem

sobre a vida da escola, da família, da infância, da juventude, do bairro, da cidade, em sociedades plurais. No fundo, são as interpelações que esses diferentes mundos trazem à confeção de um mundo comum, reconhecendo as diferenças mas também as similitudes que nos permitam melhor reconhecer essas diferenças. Como bem sustenta Zygmunt Bauman, em *Modernidade e Ambivalência*, «não basta simplesmente ficar satisfeito com o facto de a diferença do outro não limitar ou ameaçar a nossa. A sobrevivência no mundo da contingência e da diversidade só é possível se cada diferença reconhecer a outra diferença como condição necessária da sua própria preservação... A solidariedade é entrar na luta em prol da diferença alheia».

Nesta edição, a newsletter noticia vários eventos científicos recentes, realizados ou a realizar em Portugal, os quais demonstram a vivacidade e a capacidade de mobilização dos investigadores em torno dos fenómenos educativos que os preocupam e que vão marcando a agenda científica atual. Agenda que é também alimentada pela produção académica de novos trabalhos: apresentamos, a esse título, três dissertações recentemente concluídas na área da sociologia da educação. Destaque central para a entrevista a Teresa Seabra, conduzida por Mariana Gaio Alves, na qual esta autora apresenta o seu olhar sobre o panorama passado, presente e futuro da sociologia da educação. A newsletter termina com um criativo exercício reflexivo de Leonor Lima Torres em torno não apenas da forma como a escola é representada pela música mas também como esta nos ajuda a (re)pensar aquela.

Próximos eventos

.....

IX Congresso Português de Sociologia

A agenda científica nacional de 2016 vai ficar marcada pela realização da nona edição do Congresso Português de Sociologia. Dedicado ao tema geral «*Portugal, território de territórios*», o evento realizar-se-á na

Universidade do Algarve, de 6 a 8 de Julho de 2016. A convocatória para submissão de propostas de comunicações na secção temática de Sociologia da Educação será divulgada nas próximas semanas, designadamente através da página da Associação Portuguesa de Sociologia.

Conferência Internacional "A educação comparada para além dos números – contextos locais, realidades nacionais e processos transnacionais", Universidade Lusófona, Lisboa, 25-27 de Janeiro de 2016



Terá lugar na Universidade Lusófona em Lisboa nos dias 25 a 27 de Janeiro de 2016 a Conferência Internacional "A educação comparada para além dos números – contextos locais, realidades nacionais e processos transnacionais". Trata-se de uma iniciativa da Secção de Educação Comparada da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE) com o apoio da World Council of Comparative Education Studies (WCCES) e da Sociedade Ibero-Americana de Educação Comparada (SIBEC).

Estudos internacionais como o TIMSS, o PISA, o PIRLS ou o TALIS tornaram-se nos tempos de hoje uma das principais tecnologias de governação, fornecendo evidências para ação política governativa com base em números obtidos em grandes estudos comparativos, e remetendo para plano secundário outros aspetos como o debate democrático. Neste contexto, a conferência visa fomentar a análise e debate de um amplo conjunto de problemáticas no campo da educação comparada, desafiando professores e investigadores a apresentarem os seus trabalhos. Mais informações podem ser consultadas no endereço seguinte:

<http://www.spce-conference2016.pt>

Eventos realizados

Iª Conferência Ibérica de Sociologia da Educação: "A Educação na Europa do Sul: constrangimentos e desafios em tempos incertos", FCSH-UNL, Lisboa, 9-11 de Julho de 2015



Ao longo de três dias, a I Conferência Ibérica de Sociologia da Educação reuniu mais de uma centena de investigadores ibéricos, portugueses e espanhóis, com o objetivo de debater trabalhos científicos subordinados à temática *A Educação na Europa do Sul: Constrangimentos e desafios em tempos incertos*. Foram apresentadas cerca de 130 comunicações em diversos formatos - conferência, sessões virtuais, simpósios e mesas de comunicações (<https://sites.google.com/site/soced2015>). Estão sendo preparadas as Atas deste evento para publicação em breve.

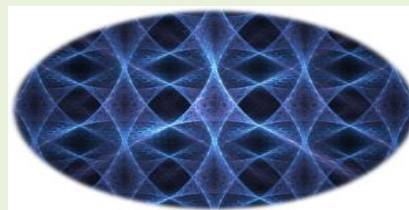
Seminário Internacional: "Entre mais e melhor escola: a excelência académica na escola pública portuguesa", 25 maio de 2015, Instituto de Educação da Universidade do Minho



Realizou-se no dia 25 de maio na Universidade do Minho o Seminário Internacional *Entre mais e melhor escola: a excelência académica na*

Escola Pública Portuguesa. O seminário envolveu a participação de vários investigadores-oradores que discutiram os principais resultados do projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/IVC-PEC/4942/2012), da responsabilidade de Leonor Lima Torres, Investigadora do Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho (CIEEd). Entre os convidados, referência para a presença dos consultores científicos Jean-Louis Derouet (Institut Français de l'Éducation de l'ENS de Lyon – França), Maria Alice Nogueira (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil) e João Teixeira Lopes (Universidade do Porto). As intervenções realizadas serão publicadas em livro, sendo já possível consultar alguns dos resultados do projeto em: <http://excelpt.wix.com/uminho>

2ª Conferência "Rumos da Sociologia do Conhecimento, Ciência e Tecnologia em Portugal", 8 e 9 de setembro de 2015, ICS - Universidade de Lisboa



A secção de Sociologia da Educação participou na mesa redonda inter-temática de encerramento da 2ª conferência - *Rumos da Sociologia do Conhecimento, Ciência e Tecnologia em Portugal*, organizada pela Secção homónima da APS e que contou também com um representante da direção da APS. Desta mesa redonda, em que, para além das Secções Conhecimento, Ciência e Tecnologia e Sociologia da Educação, participaram igualmente as Secções de Sociologia do Consumo; Arte, Cultura e Comunicação; e Trabalho, Organizações e Profissões, saiu um documento com um conjunto de reflexões e sugestões para promover em futuros encontros a partilha de espaços de debate e de participações conjuntas. Em representação da coordenação da Secção de Sociologia da Educação esteve presente o nosso colega José Augusto Palhares.

I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação: "O Governo das Escolas: Atores, Políticas e Práticas", 1-3 de outubro de 2015, Universidade do Minho



Realizou-se nos dias 1, 2 e 3 de outubro o II Colóquio Internacional em Ciências Sociais da Educação, subordinado ao tema *O Governo das Escolas: Atores, Políticas e Práticas*, uma iniciativa do Departamento de Ciências Sociais da Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Foram apresentadas cerca de duas centenas de comunicações, contando com a presença de reputados especialistas internacionais: Yves Ducterq (Universidade de Nantes), Jean-Louis Deouet (IFE-ENS, Lyon), António Bolívar (Universidade de Granada), Romualdo Portela (Universidade de São Paulo) e Dalila Oiveira (Universidade Federal de Minas Gerais). A publicação das atas (edição digital) foi lançada no dia 1º dia do Colóquio, estando disponível em <http://webs.ie.uminho.pt/iicicse/index.html>

VII Encontros de Portalegre: "Os desafios da comunicação em contextos sociais afetados pela crise», 9-11 Setembro 2015, Escola Superior de Educação de Portalegre



Os VII Encontros de Portalegre realizaram-se de 9 a 11 de setembro de 2015 (http://www.esep.pt/destaques/destaques_ver.php?id=633). O evento resulta de uma parceria entre o Instituto Politécnico de

Portalegre e a Universidade Nova de Lisboa, através do CICS.NOVA. O certame dedica-se à discussão de temas e problemas atuais na área das ciências sociais, designadamente da sociologia e antropologia, mas também do trabalho social e da economia social. À semelhança de anteriores edições, participaram investigadores oriundos de diferentes países: além de Portugal, também de França, Suíça e Venezuela. Pelo segundo ano consecutivo, contou com a presença de Laurent Thévenot, um dos mais influentes teóricos da sociologia europeia das últimas duas décadas.

Conferência Internacional: "Fatores-chave para o sucesso e continuidade dos percursos escolares dos ciganos: indivíduos, famílias e políticas públicas", 26 de Junho de 2015, Fundação Porto Social



Realizou-se no Porto, dia 26 de Junho de 2015, a Conferência Internacional "Fatores-chave para o sucesso e continuidade dos percursos escolares dos ciganos: indivíduos, famílias e políticas públicas", na qual foram apresentados os resultados do projeto, com o mesmo título, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e realizado no quadro de uma parceria entre CEMRI/Universidade Aberta e CIES/IUL. Para além da apresentação dos resultados do projeto, foram ainda discutidas várias perspetivas sobre o impacto das políticas públicas na educação dos ciganos e foram apresentados vários projetos de intervenção exemplares.

Publicações

I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação / III Encontro de Sociologia da Educação: "O Não-Formal e o Informal em Educação: Centralidades e Periferias", 25 e 26 de março de 2013, Instituto de Educação da Universidade do Minho



Já estão disponíveis as Atas do I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação / III Encontro de Sociologia da Educação. A edição online reúne cerca de 340 comunicações, organizadas em três volumes, num total de 2125 páginas. As Atas podem ser consultadas nos seguintes endereços:

Página Eletrónica da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação:

[http://www.spce.org.pt/;](http://www.spce.org.pt/)

Página Eletrónica da Associação Portuguesa de Sociologia, Secção de Sociologia da Educação:

<http://www.aps.pt/index.php?area=302;>

Página Eletrónica do I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação / III Encontro de Sociologia da Educação:

<https://sites.google.com/site/iccseiiiese/conteudos>

Em breve as Atas estarão acessíveis na página eletrónica do Centro de Investigação em Educação (CIEd) do Instituto de Educação da Universidade do Minho, com o alojamento dos 3 volumes no RepositoriUM da Universidade do Minho. Além de ser uma edição do CIEd, o repositório institucional da UMinho assegurará a sua longevidade, segurança e difusão global.

Italian Journal of Sociology of Education



A publicação desta revista científica passou a estar a cargo da Editora da Universidade de Pádua, mantendo os princípios quer da arbitragem científica de artigos, quer da ausência de exigências no que respeita a pagamento pelos autores e pelos leitores. Estas opções pretendem contribuir para promover a troca global de conhecimento, através da disponibilização gratuita de resultados de atividade científica. O novo endereço é:

<http://journals.padovauniversitypress.it/ijse/>

Um dos números mais recentes desta revista científica tem como tema *Youth work, non-formal education and youth participation* (volume 7, no. 1), sendo editores convidados Daniele Morciano, Fausta Scardigno, Maurizio Merico. Este volume inclui 11 artigos que, citando os editores, "permitem ao leitor explorar, através de várias perspetivas teóricas, metodológicas, profissionais e culturais, uma diversidade de questões emergentes da análise do trabalho juvenil, da educação não-formal e da participação juvenil, bem como considerar a interligação entres essas várias questões. Os autores deste conjunto de artigos são provenientes de diferentes países europeus (incluindo Portugal) e dos Estados Unidos. O volume integra ainda um artigo que resulta de pesquisa sobre os discursos centrados na identidade juvenil e novos media, bem como a recensão crítica de um livro intitulado "*Public schools and the struggle for democracy: insights from the American context*" de M. Cordini. Todos estes textos são acessíveis no endereço:

<http://journals.padovauniversitypress.it/ijse/issues/VOL.7%20NO.1%20%282015%29>

Boa leitura!

Teses de doutoramento

.....

Doutoramento em Sociologia, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Título da Tese: Trajetórias, Motivações e Projetos de Adultos que “Regressam à Escola”

Autor: Luísa Maria da Silva Delgado

Composição do júri:

Presidente: Doutor António Firmino da Costa, Professor Catedrático do ISCTE

Vogais: Doutora Ana Benavente, Professora na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Doutora Mariana Gaió Alves, Professora da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa; Doutora Alexandra Aníbal, Câmara Municipal de Lisboa; Doutora Patrícia Ávila, Professora do ISCTE – IUL; Doutor João Freire, Professor Catedrático Aposentado do ISCTE-IUL (orientador).

Data da prova: 31 de Março de 2015

Resumo: A presente investigação visa aprofundar o conhecimento teórico-empírico disponível no campo da Educação e Formação de Adultos, nomeadamente no que respeita à compreensão das trajetórias, motivações e projetos subjacentes à inscrição de indivíduos com baixas qualificações escolares e profissionais, e em situação de vulnerabilidade social, nos denominados cursos EFA (Cursos de Educação e Formação de Adultos).

A operacionalização do estudo passou pela adopção de uma estratégia metodológica intensiva-qualitativa, que se consubstanciou no estudo de dois grupos/turmas distintos em formação. Nesta linha, procedeu-se à realização de um inquérito por entrevista (em profundidade) a todos os elementos que integravam as turmas, assim como à análise documental de materiais relevantes e à observação *in loco* nos contextos de formação. Deste conjunto de estratégias, resultou a produção de conhecimento relativo aos contextos familiares de origem, às trajetórias

personais, escolares e profissionais dos formandos, às motivações de inscrição nos cursos e aos seus projetos futuros. De forma a conhecer os contextos educativos e formativos, inquiriram-se, para além dos formandos, outros agentes envolvidos, designadamente formadores e mediadores pessoais e sociais. Destaca-se ainda a obtenção de conhecimento relativo ao modo de funcionamento dos cursos – considerados um modelo inovador, no que respeita à sua organização e estrutura curricular, às equipas pedagógicas e às entidades envolvidas na sua operacionalização – e às percepções dos formandos, formadores e mediadores acerca dos mesmos.

Pretende-se através desta dissertação concluir acerca da importância deste tipo de medidas educativas e formativas, destinadas a públicos com escassos recursos escolares e profissionais, no contexto das sociedades contemporâneas.

Doutoramento em Sociologia, especialidade em Sociologia da Educação e da Formação, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Título: Entre Brobdingnag e Lilliput: a apresentação de si na narrativa autobiográfica produzida nos processos de reconhecimento, validação e certificação de competências"

Autor: António Geraldo Manso Calha

Composição do júri:

Presidente: Doutora Ana Nunes de Almeida, Investigadora Coordenadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutor Rui Canário, Professor Catedrático Aposentado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa; Doutora Patrícia Ávila, Professora Auxiliar do ISCTE – IUL; Doutora Mariana Gaió Alves, Professora Auxiliar com Agregação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa; Doutora Natália Alves, Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa; Doutora Maria Manuel Vieira, Investigadora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (orientadora).

Data da prova: 25 de Fevereiro de 2015

Resumo: O sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) corresponde a uma política educativa destinada a adultos implementada em Portugal a partir de 2001. Desde então, vem assumindo diferentes configurações e enquadramentos. Trata-se de uma oferta de qualificação que visa equiparar formalmente as competências adquiridas ao longo da vida às habilitações académicas conferidas pelo sistema regular de ensino. As metodologias de trabalho baseiam-se em pedagogias ativas e individualizadas, estruturadas na construção do Portefólio Reflexivo de Aprendizagem, que implica a produção de uma história de vida autobiográfica a partir da qual se reconhecem, validam e certificam as competências dos candidatos. O trabalho desenvolvido pelos candidatos aos processos RVCC constitui o campo de interesse em que se enquadra esta tese de doutoramento. Procurámos perceber a forma como os candidatos se apresentam e se validam na narrativa autobiográfica. Face aos objetivos que orientaram a investigação, foi reunido um *corpus analítico* constituído por cem Portefólios Reflexivos de Aprendizagem de adultos que concluíram o processo entre 2006 e 2010, em quatro Centros Novas Oportunidades do distrito de Portalegre. A análise estrutura-se em três dimensões da narrativa: os relatos da experiência escolar, da experiência profissional e das relações com os outros, a que correspondem, *grosso modo*, aprendizagens de diferentes natureza, formais, não formais e informais.

Doutoramento em Sociologia, especialidade em Sociologia da Educação, da cultura e do Conhecimento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Título: Individuação e Reconhecimento: Processos de Socialização Política na Incerteza dos Itinerários Escolares

Autor: Pedro Jorge da Costa Caetano

Composição do júri:

Presidente: Doutor Luís António Vicente Baptista, Professor Catedrático no Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Vogais: Doutor José Manuel Vieira Soares de Resende, Professor Associado, com Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Orientador); Doutora Leonor Maria de Lima Torres, Professora Associada do Instituto de Educação da Universidade do Minho; Doutor Rui Manuel Leitão da Silva Santos, Professor Associado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Doutor Luís Manuel Aires Ventura Bernardo, Professor Auxiliar, com Agregação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Doutora Maria Benedita de Lemos Portugal e Melo, Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa; Doutora Maria Manuel Baptista Vieira da Fonseca, Investigadora auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Doutora Teresa de Jesus Seabra de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).

Data das provas: 21 de Fevereiro de 2014

Resumo: A nossa proposta visa dar conta dos processos de generalização da experiência dos estudantes de três escolas, de morfologia social contrastante, do ensino secundário público português da Grande Lisboa, de acordo com a natureza das situações vivenciadas. A perspetiva clássica durkheimiana, centrada na transmissão de valores morais e na inculcação de deveres e obrigações, próprias de uma socialização política, e a ser efetuada pelas gerações mais velhas sobre as gerações mais novas, é aqui relativizada em favor do recenseamento e da descrição de outros modos de explorar o significado normativo da conduta nos diversos contextos. A inovação concetual da abordagem pressupõe não apenas o reconhecimento da multidimensionalidade do político, mas também o seu entendimento enquanto arquitetura experiencial compósita, mobilizável, conforme os quadros de

reconhecimento que regem as situações, e mobilizada, segundo as trajetórias de envolvimento dos atores. Os arranjos nas situações e as trajetórias agenciadas pelos atores, possibilitam-nos à uma dar conta dos processos de qualificação mobilizados pelos atores, compreendendo as suas ações habituais (atitudes), e das tonalidades normativas das situações. Deste modo, os envolvimento, para além de requerem uma generalização das ações e dos julgamentos, solicitam igualmente um trabalho de especificação de métodos de conduta na objetividade das situações, bem como o desenvolvimento de subjetividades na sua apropriação. Capturar o normativo na experiência dos estudantes requer não somente inquirir sobre os laços que unem os atores, mas também e, sobretudo, os laços que os unem às situações, por meio das suas expectativas de conduta, traduzidas em ações e julgamentos, ou seja, em modos de qualificação do real. No caso concreto dos jovens estudantes, verificamos que o privilégio do envolvimento centrado numa socialização para o bem comum e no desenvolvimento de competências de argumentação e de justificação, tem o inconveniente de empobrecer consideravelmente os matizes da sua experiência, menorizando-os e, como tal, constituindo um verdadeiro obstáculo epistemológico à abordagem dos processos pelos quais eles procuram governar a sua conduta. Com efeito, os estudantes, não formam entre si uma "cidade" orientada para o bem comum, mas dispersam-se numa pluralidade de envolvimento, dos quais, o mais mobilizado se fixa nas relações de intimidade potenciadoras da individuação e características do regime pastoral. As expectativas normativas quanto à função do professor, sem se centrarem nas funções de representação, são a de cativar (envolver) e interagir com eles, ao mesmo tempo que os deve respeitar a todos de um modo singularizante. O professor é um "rebocador"; alguém que, na proximidade, isto é, na confiança, mostra um caminho, exige e fornece conselhos práticos e úteis para a vida.

Disponível em :

<http://run.unl.pt/bitstream/10362/11827/1/Tese%20completa%20Pedro%20Caetano.pdf>

Entrevista

.....

Teresa Seabra

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Por Mariana Gaio Alves
[FCT – Universidade Nova de Lisboa]



Teresa Seabra é doutorada em Sociologia desde 2008 pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, onde também obteve os graus de licenciatura e mestrado em Sociologia. É atualmente Professora Auxiliar no ISCTE-IUL onde coordena o Mestrado em Educação e Sociedade e é investigadora do CIES (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia) desde 1992. É autora de dezenas de textos publicados em atas de conferências, bem como em revistas e livros científicos, privilegiando as temáticas de investigação relacionadas com etnicidade, desempenho escolar e educação familiar.

P: És uma socióloga que trabalha e investiga no campo educativo há já vários anos. Que balanço é possível fazer desse período de tempo em matéria de investigação e leccionação, mais particularmente da sociologia da educação?

R: Em termos pessoais, tenho tido uma experiência de investigação e de leccionação que considero bastante enriquecedora por dois motivos: no primeiro caso, tenho conseguido desenvolver alguns objectos de pesquisa de modo sustentado, ou seja, uma quase permanente actividade tem permitido aprofundar e alimentar uma linha de investigação; no segundo, tenho tido estudantes muito diversificados, tanto em termos etários e dos cursos que frequentam

como dos interesses e experiências de que são portadores. A sociologia da educação tem-se mantido uma área de especialização do curso de sociologia com bastante procura e tenho motivos para supor que a disciplina representa um momento importante da formação dos alunos enquanto sociólogos ou técnicos de serviço social.

P: Como é ser socióloga da educação, hoje? Que constrangimentos? Que desafios?

R: Eu diria que ser socióloga da educação é, às vezes, difícil e, outras vezes, imprescindível. Quero dizer que, nos debates em torno da educação, podemos dar contributos valiosos para enriquecer a análise dos fenómenos educativos (escolares ou não) ao introduzirmos questões que ampliam e contextualizam os problemas em análise mas muitas vezes são tópicos que não são considerados "politicamente corretos" ou são incómodos para os agentes em presença. Trata-se de combater o etnocentrismo de classe, ou seja, de equacionar os problemas destacando que as populações escolares (ou não) são socialmente diversificadas e têm frequentemente necessidades e interesses diferentes. O tópico da igualdade de oportunidades é, em muitos contextos, perturbador e incómodo.

P: Vivemos tempos pouco favoráveis na formação de professores e de educadores, sendo que simultaneamente existem cada vez mais dificuldades em obter financiamento para projetos de investigação em educação. Neste cenário, que caminhos se poderão traçar para manter (e desenvolver) o interesse pelo conhecimento sociológico dos diversos fenómenos educativos no futuro? Haverá tempo e massa crítica para inverter a tendência atual e buscar outras possibilidades?

R: Que caminhos podemos traçar? Podemos sempre e em qualquer circunstância continuar. Não creio que as dificuldades atuais hipotequem o futuro da sociologia da educação. Creio que está suficientemente enraizada no ensino superior e nos domínios da investigação. Julgo que persistência e cooperação são as palavras-chave. Concretamente, estou a pensar na intensificação de laços entre a universidade e as instituições/associações/escolas do meio

envolvente mais ou menos próximo. Pela demonstração da mais valia que podemos dar tanto no equacionamento como na resolução ou atenuação dos problemas sociais sentidos nos contextos reais podemos sustentar a afirmação deste campo disciplinar.

P: Como observam vários autores, a emergência e desenvolvimento da sociologia da educação desenrola-se num duplo contexto: no quadro da sociologia, em que a educação é um objeto de estudo entre outros, bem como em ambientes institucionais centrados na formação de professores e nas ciências da educação. Em teu entender há ou não diferenças quanto à natureza do conhecimento produzido em ambos os contextos? O que é que os aproxima e o que é que os separa? Haverá duas sociologias da educação? Como te situas face a esta dupla filiação?

R: Em primeiro lugar, quero salientar que podemos encontrar qualidade em trabalhos emergentes de qualquer um dos contextos referidos. Os que são produzidos por investigadores com formação em Sociologia serão, com maior probabilidade, mais informados e enformados por esta ciência social. Este é o meu caso e espero conseguir fazê-lo.

P: Sublinha-se, insistentemente, a distância entre os académicos e os profissionais do terreno que trabalham em educação e formação. Ou seja, por outras palavras, entre o teórico e o prático. Faz sentido este debate? Como superar essa distância?

R: Como anteriormente referi, considero que a aproximação entre estes dois universos é desejável e imprescindível. Dependem um do outro, cada vez mais. Através de um trabalho intenso de constituição de redes de apoio mútuo poder-se-á, gradualmente, ir superando a distância. Ao participar recentemente num projecto internacional, tive a experiência de colocar no terreno uma rede de apoio a jovens em situação de potencial abandono escolar e esta reforçou em mim a convicção de que estas redes locais são possíveis e profícuas.

P: Parece haver algum distanciamento da sociologia da educação em relação às grandes questões da política educativa, sobretudo em

relação a algumas medidas que há muito incorporam acervo crítico da disciplina. Qual achas que poderia ser o papel da sociologia da educação no espaço público? Um sociólogo deve apenas preocupar-se com a produção de conhecimento sobre os fenómenos educativos? Ou empenhar-se em tornar útil no espaço público o seu capital crítico-reflexivo?

R: Eu diria que deve trabalhar nos 2 "tabuleiros" mas o centro da actividade deverá ser a produção do conhecimento. Complementarmente, importa a divulgação do mesmo e o envolvimento com a sociedade no espaço público (publicado ou não). Creio que este último aspeto é mesmo um dever que temos enquanto cidadãos, na medida em que a actividade de investigação é "alimentada" pela própria sociedade.

P: Desde há algum tempo tem-se vindo a assistir à recuperação de alguns objetos clássicos da sociologia da educação, como, por exemplo, a problemática das desigualdades sociais. Achas que isto configura a emergência e consolidação de uma sociologia política da educação?

R: Não falaria de recuperação da problemática das desigualdades sociais por parte da sociologia da educação pois considero que esta constituiu sempre o "núcleo duro" da disciplina. Pode ser mais ou menos intensa a investigação em torno do tópico, de acordo com as conjunturas socio-políticas. A sociologia da educação tem esta temática na sua génese constitutiva e, do meu ponto de vista, permanece enquanto sua marca distintiva.

P: São recorrentes as críticas ao conhecimento produzido nas ciências (sociais) da educação pelo facto de se optar predominantemente pelas metodologias qualitativas, o que aliás tem vindo a ser enfatizado pelos painéis de avaliação externa dos centros de investigação. Serão estas críticas legítimas no quadro da investigação portuguesa? Face a estas recomendações e aos imperativos de financiamento, poderemos vir a assistir a uma inflexão nos paradigmas de investigação?

R: São bem-vindos os trabalhos que fazem uma abordagem extensiva dos fenómenos

educativos, pois a riqueza decorre da multiplicidade de métodos e técnicas de pesquisa e tem sido difícil realizar pesquisa que recorra a dados em grande escala. Sabemos que esta exige recursos de que as equipas não dispõem a maior parte das vezes e é dificultada no que respeita ao acesso à informação empírica recolhida pelo MEC junto das escolas do país. Considero ambas as abordagens importantes e não substituíveis, complementando-se e aprofundando os objectos de pesquisa.

P: Tens desenvolvido muitos estudos sobre a temática da etnicidade e educação. Qual o balanço que fazes sobre o conhecimento produzido pela sociologia da educação neste domínio? E em que medida a investigação sobre esta temática se tem ligado aos debates no campo educativo e a ações e intervenções nas escolas?

R: Portugal, apesar de ter uma experiência recente de imigração, tem investido no conhecimento das populações imigrantes, como podemos ver nos múltiplos estudos que têm sido divulgados em torno desta temática. Este domínio teve grande impulso nas 2 últimas décadas e, no que se refere especificamente à situação das crianças e jovens descendentes de imigrantes no sistema de ensino nacional, já é visível um acumular de evidências e de tendências. No entanto, temos um caminho, em grande parte, por fazer: por um lado, sustentar e alargar o conhecimento produzido e, por outro, comunicar mais e melhor com as escolas pois é trabalhando com elas que a mudança pode ser efectiva.

P: O campo da sociologia da educação tem-se consolidado sobretudo em torno de objetos de estudos centrados na escola e no sistema educativo. Não obstante, é observável um interesse (que alguns consideram ser crescente) pelas dimensões não escolares de educação, ainda que a hegemonia do "escolar" permaneça inabalável. Qual a tua opinião sobre esta situação? Qual a tua perspetiva sobre as respectivas causas e consequências?

R: É com satisfação que acompanho este desenvolvimento no sentido da descolarização da sociologia da educação e, a um mesmo

tempo, da amplificação dos contextos educativos na sociedade. Os contextos informais ganham visibilidade como agentes educativos e são a pouco e pouco objecto de pesquisa. Espero que a mudança se consolide no crescimento de investigação em torno, nomeadamente, dos processos educativos em seio familiar, das aprendizagens proporcionadas pelas NTIC ou pela arte, da educação nos contextos de trabalho, nos tempos livres e lúdicos...

P: Muito obrigada pela tua colaboração!

Reflexão

.....

A escola através da música: Representações da escola na música portuguesa

Por Leonor Lima Torres
[*Instituto de Educação da Universidade do Minho*]



A Escola, Jorge Palma, Bairro do Amor, 1989

*Eu nasci lá para os lados do rio
passava os dias a jogar à bola
mas eu não era excepção
e antes que desse por isso
já estava na escola*

*O programa elementar
entre o Euclides e o Arquimedes
mas sempre que a informação
dá uma volta no espaço
eu quero sintonizar*

*A escola ainda não acabou
há sempre tanta matéria a estudar
que eu chego mesmo a ter medo
de em qualquer momento*

*já não ter lugar
para mais conhecimento*

*Já consigo filosofar
sei uma ou duas palavras em grego
enquanto o tempo deixar
e a escola não se afundar
vou alterando o meu ego*

*Vou deixando as moscas pairar
vou vendo se Godot já chegou
e quando me dá na tola
dou um chuto na bola
só para me aliviar*

*A escola ainda não acabou
há sempre tanta matéria a estudar
que eu chego mesmo a ter medo
de em qualquer momento
já não ter lugar
para mais conhecimento*

A Escola, instituição social secular, tem sido historicamente retratada a partir de diferentes olhares e estudada sob múltiplos pontos de vista. Captar a forma como a escola está presente no universo musical enquanto objeto central da composição artística tem vindo a despertar algumas reflexões pessoais, embora de forma absolutamente marginal à minha atividade académica. Tentarei abeirar-me das mundividências da escola a partir da forma como alguns músicos a perspetivam nas suas criações, sem qualquer intuito prévio de teorização sociológica. Apenas esboçar alguns pensamentos e ousar algumas interrogações que vêm animando algumas das minhas aulas, sempre que este tópico é objeto de análise e debate. Efetivamente, a música não só espelha os processos socioeducativos de determinado espaço-tempo, como potencia apropriações diversas por parte dos atores sociais, produzindo efeitos nas dinâmicas sociais.

Início da década de 1990, período marcado pela expansão do sistema escolar e pela crença no poder igualitário da escola como passaporte para a ascensão social. Efeito da massificação, a escola pública é habitada por uma heterogeneidade juvenil proveniente dos centros urbanos, das periferias e das suas margens, à procura de uma oportunidade de vida e de um projeto para o futuro. Pressente-se que a abertura e o alongamento progressivo da escolaridade obrigatória alterará profundamente a natureza da escola, a vida dos

alunos e a própria estrutura da sociedade portuguesa. Seria a escola capaz de se reconfigurar, ajustando o modelo pedagógico à nova realidade?

Sucederam-se vários ministros da educação, desencadeou-se um processo de reforma educativa que culminou com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo em 1986, decretaram-se novas orientações para a avaliação dos alunos, ensaiaram-se novos modelos de gestão escolar, mas, na essência, a matriz organizacional e cultural da escola manteve-se inalterada. A estrutura curricular ("o programa elementar"), as temporalidades escolares ("há sempre tanta matéria a estudar") e a estratégia pedagógica bancária e reprodutora ("já não ter lugar para mais conhecimento") constituem pilares de uma cultura escolar unidimensional que contraria a natureza plural da escola.

As aprendizagens que se vão sucedendo, devagar e de forma lacunar ("já consigo filosofar, sei uma ou duas palavras em grego"), pré-anunciam a falência do sistema ("enquanto o tempo deixar e a escola não se afundar") e, ao mesmo tempo, impedem a emancipação do sujeito em relação ao programa socializador da escola. A escola é e sempre foi uma instituição transformadora. O cerne da questão é saber qual o sentido que esta transformação opera no sujeito. E neste caso, o lamento do autor ("vou alterando o meu ego") traduz a violência simbólica que a escola foi operando desde que o aluno nela passou a habitar.

O sentimento conformista e expectante do jovem-aluno perante o desejo de mudança ("vou deixando as moscas pairar, vou vendo se Godot já chegou"), expressa bem o *ethos* de uma instituição educativa historicamente dependente das decisões do "centro" (do Ministério, do Diretor, do Professor, consoante a posição do sujeito). E enquanto não se encontra sentido neste compasso de espera que oprime, sugere-se dar "um chuto na bola só para me aliviar".

Passadas quase três décadas sobre a composição desta música, o que realmente mudou na escola portuguesa, para além das morfologias organizacionais – agrupamentos de escolas, órgãos de gestão, dispositivos de

avaliação, ... – que vieram aprofundar ainda mais a uniformização dos processos pedagógicos? Impelida a produzir resultados rápidos e competitivos, a "escola de sucesso" é seduzida pelas lógicas de mercado, instituindo o culto da performatividade como imagem de marca, sem contudo alterar o modelo de ensino-aprendizagem secular que aprisiona cognitivamente o aluno e o torna refém de lógicas reprodutivas.

Enquanto o modelo pedagógico se basear na reprodução de informação em detrimento da construção e (re)criação de conhecimento, a escola continuará a formatar jovens-adultos eternamente à espera de Godot. Mas o que tem isto a ver com Educação?

.....

Colabore com a newsletter

Sem qualquer ambição de exaustividade, a newsletter é um espaço criado pelos e para os associados, pelo que é fundamental a sua colaboração, na divulgação de informações que lhe pareçam relevantes, sobre tendências, debates, pesquisas, eventos, novidades editoriais, etc. Envie-nos o seu contributo para educacao@aps.pt

Ficha técnica

Esta newsletter é editada pela coordenação da Secção de Sociologia da Educação da Associação Portuguesa de Sociologia (www.aps.pt), com o objetivo de fomentar a comunicação, cooperação e participação entre os sociólogos da educação portugueses. A secção constituiu-se em 2009 e é composta, atualmente, por 154 associados.